



EJA E PERSISTÊNCIA NOS PROCESSOS FORMATIVOS: HORIZONTES PARA O CURRÍCULO

Elisângela Lopes Marques¹; Ana Célia Dantas Tanure²; Dulcineia Augusta de Jesus³
Graça dos Santos Costa⁴

¹ Mestra em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB). Diretora de Escola SEC/BA. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Direitos Humanos e Interculturalidade (GREDHI). E-mail: lisalopesmarques@gmail.com

² Mestra em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB). Coordenadora Pedagógica SEC/BA. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Direitos Humanos e Interculturalidade (GREDHI). E-mail: anatanure@gmail.com

³ Especialista em Deficiência Intelectual, Coordenadora Pedagógica da rede estadual, no Centro de Apoio Educacional Especializado – CAPE-BA-SEC, Salvador-Ba, Integrante do Grupo de Pesquisa Educação em Direitos Humanos e Interculturalidade – GREDHI da UNEB- E-Mail: mariarouxinha@gmail.com

⁴ Doutora em Pedagogia pela Universidade de Barcelona (UB). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora do Programa de Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC). Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Direitos Humanos e Interculturalidade (GREDHI). E-mail: gracacosta@gmail.com

EIXO TEMÁTICO 4: CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSOR NA EJA

RESUMO

INTRODUÇÃO: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem passando, no Brasil, por uma reconfiguração do perfil dos seus estudantes. As últimas três décadas evidenciam o deslocamento crescente de jovens do ensino em tempo regular para a EJA, configurando o fenômeno da juvenilização, ocasionado por fatores de diversas ordens, como aspectos políticos, legais, pedagógicos, sociais, econômicos e subjetivos (Brunel, 2014; Carrano, 2007; Dayrell, 2011 e outros). Entretanto, a presença crescente das juventudes trabalhadoras na EJA não é mero deslocamento etário e estatístico, nem mesmo são corpos fora do lugar – *outsiders*¹ –, mas um fenômeno que introduz novas demandas e (res)significações que desafiam, simultaneamente, a transição e persistência de jovens nesta modalidade de educação. Este, portanto, é um acontecimento tanto político como pedagógico, que desnuda contradições da escolarização contemporânea, qual seja, o mesmo sistema que universalizou matrículas produz, de modo silencioso, novas engrenagens de exclusão que empurram juventudes empobrecidas, racializadas e trabalhadoras para a EJA. Os dados educacionais divulgados em 2023 informavam que 68 milhões de pessoas com mais de 18 anos não frequentavam a escola e não haviam concluído a Educação Básica (INEP 2023). Em 2024, os dados do censo escolar apontam que das 2.391.319 matrículas nas turmas de EJA do Ensino Médio, 63,9% são de pessoas com menos de 40 anos (INEP, 2024). Destes, 48% são representadas pelas juventudes, ou seja, um deslocamento expressivo de pessoas da faixa etária de 18 a 29 anos. Ainda há os estudantes com menos de 20 anos, que equivalem a 25% do total de matriculados. E, destes, 60,3% são estudantes do sexo masculino. **OBJETIVO:** Este contexto

¹ *Outsiders* são aqueles que estão à margem da sociedade estabelecida (Gomes e Esquinsani, 2025, p. 176)



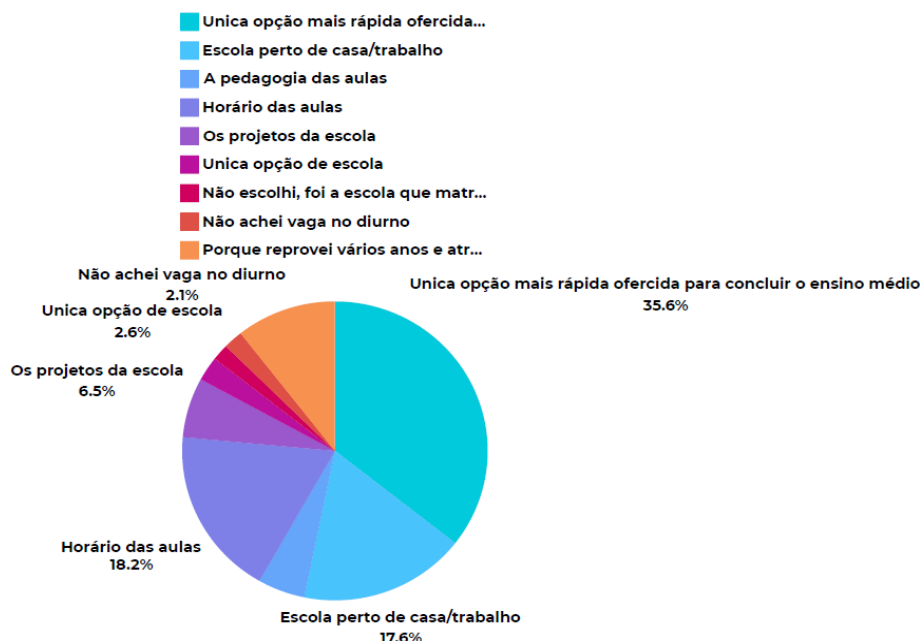
apresentado expõe a transição massificada das juventudes para a EJA, e justifica a investigação realizada pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Direitos Humanos e Interculturalidade (GREDHI/UNEB), pelo Grupo de Pesquisa Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (EJATrab/UFF) e pelo Núcleo de Educação Popular Paulo Freire da Universidade Estadual do Pará (NEPUEPA/UEPA), iniciativa que integra o projeto de pesquisa educacional intitulado “Transição dos Jovens do Ensino Fundamental para o Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos em Contexto Nacional e Internacional”, cujo objetivo é compreender e analisar as mediações e determinações que permeiam a transição de jovens e adultos do ensino médio regular para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Para tal, a pesquisa está apoiada em estratégia multimetodológica organizada em quatro fases: primeira fase - diagnóstica e exploratória; segunda fase - pesquisa de campo; terceira fase - formativa; e quarta fase - divulgação e difusão dos resultados. Reconhecendo a EJA como última fronteira do sistema educacional, cuja função social é assegurar o direito à educação com equidade e justiça social, esse resumo propõe anunciar uma categoria importante da pesquisa “Transição dos jovens do ensino fundamental para a educação de jovens e adultos em contexto nacional e internacional”, que é a persistência dos estudantes da EJA. Problematicamos: o que faz esse estudante persistir? **METODOLOGIA:** O material coletado nessa pesquisa permite um desenho descritivo-interpretativo, que versa sobre estatísticas descritivas com variáveis categóricas (gênero, raça/etnia, estado civil, moradia, transporte, trabalho), passando por informações sociodemográficas, inserção laboral, até variáveis escalares, com as motivações, expectativas, mudanças percebidas na vida e fatores limitantes para a persistência nas salas de aula da EJA, os quais contribuem para o reconhecido rejuvenescimento do perfil etário dos estudantes. Entretanto, essa análise ainda está em andamento e, assim, pautaremos uma análise inicial aqui, no empenho da discussão e categorização da persistência a partir do levantamento quantitativo da participação de 3 Núcleos Territoriais de Educação, sejam eles NTE 19, NTE 21 e NTE 26, com participação de 2 escolas por NTE. **RESULTADO:** O levantamento inicial dos dados ratificou que a EJA atual é jovem, com menos de 40 anos, representando a maioria das matrículas, e quase metade está entre 18 e 29 anos. Na Bahia, a concentração principal ocorre entre 19 e 25 anos, com 50,5% de estudantes até 25 anos. Não obstante, Carrano e Fávero (2014) descreveram, didaticamente, a metodologia da exclusão do sistema educacional brasileiro, que por não assegurar, à maioria, a permanência e a progressão com êxito na aprendizagem, se articulou à cultura do fracasso escolar e à defasagem idade/série. Resultado: jovens com baixa escolaridade somam-se ao contingente de adultos que não tiveram acesso à escolarização na infância e adolescência. Esse processo tem sido eficiente para explicar a relativa “juvenilização” do alunado nos programas educacionais originalmente desenhados para acolher adultos. **ANÁLISE:** Diante do cenário apresentado, o presente estudo desloca os holofotes dos impedimentos que levam os estudantes a abandonarem os estudos, considerando as barreiras que dificultam conciliar a dinâmica do trabalho aos estudos, associadas às responsabilidades familiares, muitas vezes de maneira prematura, voltando o foco ao fenômeno da persistência. O conceito de persistência aqui está relacionado à compreensão do que faz os estudantes se manterem em sua trajetória escolar. Destacam-se, sob a ótica dos estudantes, as motivações e apoios nesse processo de aprendizagem. Malloys e Costa (2020, p. 44) destacam “que a persistência é um processo de aprendizagem contínua que dura até que um aluno adulto atinja seus objetivos educacionais”. E no processo de aprendizado contínuo, os estudantes possivelmente necessitarão de apoio para permanecerem. Nessa investigação, o suporte recebido pelos estudantes – o ambiente acolhedor, os incentivos



dados pelos professores e por toda a equipe escolar –, destaca-se como elemento importante para a manutenção de vínculos educacionais. Se sentir acolhido os incentiva a desejar promover mudanças, concluir e prosseguir com novas aspirações (faculdade, curso técnico) para continuar estudando. Essa motivação, relacionada a fatores intrínsecos e extrínsecos, é o fio condutor para que retornem à escola. No contexto, a persistência não é vista apenas como a mera frequência do estudante no espaço escolar, mas como uma necessidade de manter um propósito, um objetivo, vinculado a uma motivação pessoal que funciona como mediadora da persistência. **CONCLUSÃO:** A efetivação desse desejo e direito à educação é dificultada por lacunas e fragilidades estruturais e pela descontinuidade das políticas públicas. Haddad e Di Pierro (2000) demonstram que a EJA no Brasil é marcada por uma histórica iniquidade na alocação de recursos e na qualidade da oferta. O baixo investimento e a ausência de políticas públicas sólidas e duradouras tornam a experiência educacional precária, o que impacta diretamente a permanência. O abandono, nesse sentido, não pode ser atribuído ao sujeito, mas à garantia de condições justas de acesso e permanência. Nessa perspectiva, o ato de resistir e a superação de barreiras, por parte dos estudantes, são lutas diárias contra um conjunto de obstáculos. Mallows e Costa (2020, *apud* Lister, 2007, p.46) classificam as barreiras à persistência em três categorias distintas: (i) Barreiras Situacionais – as barreiras decorrentes da situação de vida cotidiana do adulto (falta de tempo, problemas de transporte, responsabilidades familiares e laborais); (ii) Barreiras Institucionais – impedimentos gerados pela estrutura e pelas práticas da escola (horários inflexíveis, burocracia, métodos pedagógicos inadequados, assim como currículo); (iii) Barreiras Disposicionais – atitudes negativas em relação à aprendizagem (medo do fracasso, baixa autoestima, percepção negativa de si como aprendiz). Para que o aluno da EJA se mantenha, o ambiente escolar deve ser um catalisador de resiliência. A persistência é sustentada quando o currículo é contextualizado e a escola valida os saberes prévios do estudante (Freire, 1987). A desistência ocorre quando o estudante percebe que o sacrifício imposto pelas barreiras situacionais não compensa a irrelevância pedagógica. Essa relevância está ligada ao acolhimento. Costa (2002) argumenta que a permanência exige uma "escola acolhedora" que adapta sua organização para reconhecer a identidade multifacetada do adulto. O pertencimento e a integração contribuem para amenizar as barreiras institucionais e fortalecer o vínculo que sustenta a persistência. A persistência é a manifestação da força desses fatores. Dessa forma, a motivação é um aspecto mobilizador que impulsiona o estudante a voltar à escola. Necessário se faz desenvolver estratégias que apoiem a persistência, substituindo as barreiras de impedimento aos avanços por ações que estimulem atitudes proativas e de pertencimento. No questionário socioeconômico, respondido por 210 estudantes, quando questionados sobre os motivos que os fizeram escolher estudar na EJA, 35,6% responderam que era a única opção mais rápida oferecida para concluir o Ensino Médio e 18,2% apontaram o horário das aulas, ratificando a força do estado de mercado e a vulnerabilidade econômica das juventudes como fatores determinantes para a transição. Em outra mão, 2,1% responderam que não acharam vaga em escolas durante o dia e 2,6% tiveram apenas uma única opção de escola para continuarem os estudos.



Figura 01: Fatores importantes na escolha de estudar no Ensino Médio na EJA (NTE 19, NTE 21 e NTE 26).



Fonte: Autoras (2025)

Quando questionados sobre o que esperavam da formação na EJA, os estudantes apontaram conexão com a persistência no processo formativo, vislumbrando superações das vulnerabilidades econômicas e culturais. Assim, na perspectiva da empregabilidade e renda, 16,3% esperavam que a formação possibilitasse que tivessem mais chances na vida; outros 19,4% consideraram que a formação possibilitaria conseguir o primeiro emprego e 22,5% esperavam conseguir um emprego melhor. O prosseguimento nos estudos aparece com relevância para 21,7% dos entrevistados, pois estes esperavam entrar na faculdade e outros 13,6% consideravam que a formação possibilitaria ampliar o capital cultural ao adquirirem mais conhecimento. Neste contexto de tensão e desafios, a faixa etária da EJA vem se tornando cada vez mais ampliada, demandando respostas formativas e curriculares que consigam desvelar suas diferentes formas de vida, como pensam seus estilos e comportamentos, que estão presentes nos mais variados cotidianos de vida, o que nos possibilita visibilizar as diferentes juventudes. Oliveira e Costa (2020) evidenciam em suas pesquisas que enfrentar esse desafio da juvenilização demanda por respostas curriculares e formativas que favoreçam uma maior aproximação das juventudes presentes na EJA. Para tal, é fundamental rever currículos, planejamentos e estratégias metodológicas voltadas à inclusão da juventude nos processos formativos e curriculares. Assim, é fundamental investir em formação de gestores, coordenadores e professores, principalmente para “apropriar-se e reconhecer as diferentes culturas juvenis; desconstruir modelos de currículos hermeticamente fechados e inflexíveis,



potencializando novos giros curriculares, pautando-se em epistemologias dialógicas” Oliveira e Costa (2020, p. 72).

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Juvenilização; Sujeitos da EJA; Direito à Educação; Persistência.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Reconstruir o Estado de Direitos. Reinventar outra gestão do direito à outra educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Goiânia, v.39, n.1, e134291, 2023. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2447-41932023000100157&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 30 out. 2025. Epub 31-Out-2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar da Educação Básica 2024: Notas Estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar da Educação Básica 2024: Notas Estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2024.

BRUNEL, Carmem. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CARRANO, P. C. Educação de Jovens e Adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **REVEJ@: Revista de Educação de Jovens e adultos**. Belo Horizonte, v. 1, p. 1-11, ago. 2007.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; FÁVERO, Osmar (Ed.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Editora da UFF, 2014.

COSTA, Maria Luiza Andreozzi da. Piaget e a intervenção psicopedagógica. São Paulo: Olho d'água, 2002.

DA ROCHA GOMES, S.; SERENA SIQUEIRA ESQUINSANI, R. A Relação Estabelecidos-Outsiders no Contexto do Adolescer da Educação de Jovens e Adultos (EJA): cenários, contradições e formas de subjetivação. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 162–183, 2025. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/rieja/article/view/22227>. Acesso em: 20 out. 2025.

DAYRELL, Juarez. A juventude e a educação de jovens e adultos: reflexões iniciais – novos sujeitos. In: SOARES, Leôncio, GIONANETTI, Maria Amélia e GOMES, Nilma



Lino. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 53-67.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HADDAD, Sérgio; PIERRO, DI, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**. n 14, p. 108-193. mai-ago, 2000.

MALLOWS, DAVID, & COSTA, Graça (2020). A persistência na Educação de Jovens e Adultos: reflexões sobre currículo e inclusão. In G. dos S. Costa (Org.), **Educação e inclusão: desafios formativos e curriculares** (pp. 41–54). Vitória da Conquista, BA: Edições UESB.

MALLOWS, David; COSTA, Graça dos Santos. Persistencia en la educación de jóvenes y adultos: reflexiones sobre currículo e inclusión. In Educación e inclusión: desafios formativos y curriculares. Barcelona: Ediciones Zaragoza, España, 2019. 39-53.

OLIVEIRA, Maria da Conceição Cédro Vilas Bôas de; COSTA, Graça dos Santos. **A Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades curriculares**. Práx. Educ., Vitória da Conquista, v. 16, n. 42, p. 48-77, 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792020000300102&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 out. 2025. Epub 15-Maio-2024. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i42.7336>.

TEIXEIRA, Eliana de Oliveira. **Juvenilização e Enegrecimento da EJA: subproduto das políticas de universalização da Educação Básica**. 2019. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.